 03100699		Portugués - Sistema Educativo Español		100
		PRUEBA DE ACCESO A LA UNIVERSIDAD		03
	Junio - 2018	Duración: 90 min.	EXAMEN: Tipo - Desarrollo	MODELO 01
Material: Ninguno				Hoja 1 de 2

### OPÇÃO A

1. Resuma e ponha um título ao texto em quatro linhas (1 ponto)
2. Explique e comente o significado no texto das palavras (3 pontos): *barcaça, eixo, toldo, indispensáveis*.
3. Indique o valor morfológico das formas (3 pontos): *dizia, esteve, conhecida, aguentarem*.
4. Comente em dez linhas o tema e as ideias principais deste texto (3 pontos)

Thomas Mann, autor de “Morte em Veneza”, dizia que, à cidade dos canais, se devia chegar por mar, pois fazê-lo de outra forma é como entrar pela porta das traseiras numa vivenda. Já não existem barcos a vapor como aquele em que Gustav von Aschenbach (Dirck Bogarde, no cinema) descobria a cidade entre a bruma.

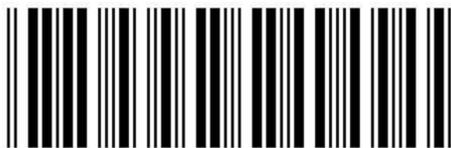
Veneza é uma das cidades mais literárias do mundo, mas também é uma das mais cinéfilas. Se decidir ignorar o conselho de Thomas Mann, pode sempre optar pelo glamour de Hollywood e chegar de comboio, como Katherine Hepburn em “Quando o Coração Floresce”, um filme que David Lean dirigiu há seis décadas e colocou na moda a cidade como destino romântico.

É indiferente se o viajante já visitou Veneza ou se nunca lá esteve. Nunca duvide em copiar a grande atriz: suba a um vaporeto da linha 1 na Ferrovia em direção a São Marcos e, se puder, sente-se na parte da frente da barcaça, porque desfrutará do prazer de deslizar pela História, assim mesmo, em maiúsculas. Estamos no Grande Canal, a principal artéria da cidade, que desenha um enorme 2 (ou um grande S invertido) ao longo de quase quatro quilómetros. Neste espelho, pairam à sua volta meia centena de palácios decorados com fachadas góticas, barrocas, renascentistas e neoclássicas.

Durante o longo trajeto, o inconfundível autocarro aquático passa sob três das quatro grandes pontes que unem as duas margens do canal: a dos Descalços, a do Rialto e a da Accademia. A quarta, a da Constituição, é a mais moderna e controversa: foi construída pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava e liga a Piazzale Roma à estação de comboio.

A ponte mais bonita e mais conhecida de todas é a de Rialto, até porque é um dos eixos da vida comercial veneziana. Ponto de encontro, de negócios e conspirações, é também o local onde Al Pacino, no seu papel do judeu Shylock, recebe a cuspidela de Jeremy Irons, o aristocrata António no “Mercador de Veneza” (2004), na última adaptação para o cinema da obra de Shakespeare, filmada em pleno inverno por Michael Radford. Os duplos que eram atirados da ponte vestiam roupa de neoprene por baixo das roupas medievais para aguentarem as geladas águas do Grande Canal.

O mercado do Rialto é uma paragem obrigatória. Logo na alvorada, os venezianos compram peixe e marisco da lagoa, legumes da ilha de Sant’ Erasmo e cogumelos de Friuli. As ruas entre a ponte e a Fondamenta Riva Olio, em especial no Campo da Pescaria, são indispensáveis para sentir o pulsar da cidade. O edifício de tijolo-vivo e toldos vermelhos que alberga o mercado de peixe está adornado com uma varanda de onde Johnny Depp se lançou sobre os toldos para fugir dos valentões que o perseguiram em “Turista” (2010).

 <b>03100699</b>	 Junio - 2018	Portugués - Sistema Educativo Español		100
		PRUEBA DE ACCESO A LA UNIVERSIDAD		03
Material: Ninguno		Duración: 90 min.	EXAMEN: Tipo - Desarrollo	MODELO 01  Hoja 2 de 2

### OPÇÃO B

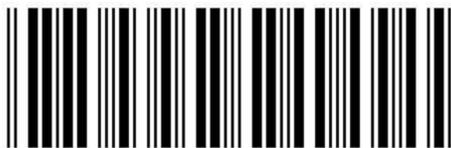
1. Resuma e ponha um título ao texto em quatro linhas (1 ponto)
2. Explique e comente o significado no texto das palavras (3 pontos): *britango, perscrutar, emissor, avistamento*.
3. Indique o valor morfológico das formas (3 pontos): *perscrutando, constituirá, disponibilizou, são recolhidos*.
4. Comente em dez linhas o tema e as ideias principais deste texto (3 pontos)

Numa manhã do Verão de 2016, uma equipa de investigadores reúne-se nas encostas dos Parques Naturais do Douro Internacional e Arribes del Duero.

Há uma certa aura de solenidade no ar. A equipa, que em breve constituirá o Projeto LIFE Rupis, prepara-se para capturar e libertar o primeiro britango marcado com um emissor, um dos momentos fundamentais do projeto de conservação financiado pela União Europeia que pretende identificar as áreas vitais e os padrões de migração desta ave necrófaga, estabelecendo os alicerces de uma estratégia de conservação integrada.

É capturado um macho subadulto saudável, designado simbolicamente por Rupis. Trabalhando rapidamente para diminuir o estresse do animal, são recolhidos dados biométricos e colocado um emissor PPT que permitirá o conhecimento da sua posição em tempo real. A libertação é rápida e Rupis rapidamente descola. Daí para a frente, passam a existir duas formas de o detetar – a clássica, procurando a sua silhueta, desenhada em tons brancos e pretos, pairando sobre as arribas do Douro e perscrutando quilómetros de território em busca de uma carcaça entre os milhares de cabeças de gado e animais selvagens que ali circulam. A outra forma de deteção é menos romântica, mas mais eficaz: Rupis emite sinais regulares para um satélite e, nas semanas seguintes, registará dezenas de pontos num mapa que o Projeto Rupis disponibilizou para toda a comunidade de seguidores e apaixonados pela vida selvagem.

Na era das redes sociais, Rupis torna-se uma pequena estrela e o seu avistamento, no PNDI, na Área Protegida Privada da Faia Brava e em vários locais de Espanha, é saudado como se de uma celebridade se tratasse. De alguma maneira, enquanto viola repetidamente a fronteira terrestre entre Portugal e Espanha, esta ave é emissária de uma novidade em projetos de conservação, abraçada pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), coordenadora do projeto, e pela Associação Transumância e Natureza, a Palombar – Associação de Conservação da Natureza e do Património Rural, a Vulture Conservation Foundation (VCF), o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), a Guarda Nacional Republicana, a EDP Distribuição, a Junta de Castilla e León e a Fundação Património Natural: no século XXI, a conservação implica também o envolvimento da comunidade. Pequenas concessões à sociedade do espetáculo podem produzir extraordinária empatia.

 03100699		Portugués - Sistema Educativo Español		100
		PRUEBA DE ACCESO A LA UNIVERSIDAD		
Septiembre - 2018	Duración: 90 min.	EXAMEN: Tipo - Desarrollo	MODELO 12	
Material: Ninguno			Hoja 1 de 2	

### OPÇÃO A

1. Resuma e ponha um título ao texto em quatro linhas (1 ponto)
2. Explique e comente o significado no texto das palavras (3 pontos): *encruzilhada, antropomórfico, alegoria, imaginário*
3. Indique o valor morfológico das formas (3 pontos): *depararmos, foi proibida, terá vivido, emergiu*
4. Comente em dez linhas o tema e as ideias principais deste texto (3 pontos)

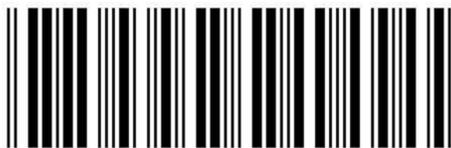
No edifício da Mouraria, em Lisboa, onde terá vivido a fadista Maria Severa Onofriana, falecida em 1846, uma escavação arqueológica descobriu um curioso vestígio do passado medieval da cidade e da evolução das superstições. Mais do que um molde, este pequeno artefacto é o reflexo de como a própria cidade era uma encruzilhada de crenças e superstições que raramente se encontram no contexto arqueológico, defendem os arqueólogos Tânia Casimiro, do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, e António Marques, do Centro de Arqueologia de Lisboa.

A peça emergiu num sector de Lisboa tradicionalmente dedicado às comunidades muçulmanas, autorizadas, desde o reinado de Dom Afonso Henriques, a permanecer em bairros específicos da urbe. Encontrado num estrato correspondente ao século XIV, só após a produção de um molde de silicone foi possível obter a descrição da figura antropomórfica ali representada, com feições quase grotescas e o topo da cabeça coroado com dois chifres. Os membros superiores terminam no que parecem ser duas garras e os inferiores em cascos, destacando-se o seu carácter marcadamente sexual.

Embora raras na Idade Média, as representações conhecidas do demónio coincidem com a figura deste molde. No levantamento realizado sobre manifestações demoníacas na Idade Média em Portugal, a historiadora Lurdes Rosa notou igualmente que a maior parte dos demónios estão associados ao registo de exorcismos e muitos visitam mulheres para encontros sexuais, as suas vítimas preferenciais, numa alegoria à crença de que o diabo entra pelos buracos do corpo.

A adoração de imagens não canónicas foi proibida desde o reinado de Dom João I, mas certamente não foi extinta. “Raramente os lados ocultos da subjetividade humana se consubstanciam. Tivemos a sorte de nos depararmos com uma dessas raras realidades”, diz Tânia Casimiro, em relação à Casa da Severa.

Um dos desafios da interpretação desta peça é a atribuição cultural: teria pertencido a um membro da comunidade muçulmana ou seria, ao invés, propriedade de um cristão? As referências documentais e literárias que se conhecem são todas referentes às comunidades cristãs e estas imagens alimentariam um imaginário plasmado na obra de Gil Vicente. Quem não se recorda do desbocado diabo do “Auto da Barca do Inferno”: “À barca, à barca, houlá! / que temos gentil maré!”?

 03100699		Portugués - Sistema Educativo Español		100
		PRUEBA DE ACCESO A LA UNIVERSIDAD		
Septiembre - 2018	Duración: 90 min.	EXAMEN: Tipo - Desarrollo	MODELO 12	
Material: Ninguno			Hoja 2 de 2	

### OPÇÃO B

1. Resuma e ponha um título ao texto em quatro linhas (1 ponto)
2. Explique e comente o significado no texto das palavras (3 pontos):  
*ritualizado, crucial, intrincado, dar à luz*
3. Indique o valor morfológico das formas (3 pontos): *vagarosamente, fertilizando, manterem, utilizaria*
4. Comente em dez linhas o tema e as ideias principais deste texto (3 pontos)

Os últimos raios de sol enchem o céu de tons quentes no final de um dia de verão na ria Formosa. Numa pequena esplanada da zona ribeirinha de Olhão, um grupo de pessoas contempla a paisagem constituída por um intrincado labirinto de sapal, canais e ilhotas. No entanto, para Janelle Curtis, investigadora do projeto internacional Seahorse, o interesse não está no céu, mas sim na superfície calma da água. A bióloga mal acredita no que vê: vários pequenos cavalos-marinhos nadando vagarosamente à superfície. Ainda não o sabe, mas está prestes a descobrir a maior comunidade de cavalos-marinhos do mundo.

Os cavalos-marinhos pertencem à mesma família dos dragões-marinhos e das marinhas. A designação do género *Hippocampus*, ao qual pertencem as 37 espécies conhecidas de cavalos-marinhos, deriva do grego *Hippos* (cavalo) e *Kampi* (monstro marinho). Trata-se da adoção literal do nome da criatura da mitologia grega hipocampo, descrita por Homero como um monstro marinho dotado de patas dianteiras de cavalo e uma cauda de peixe, que Posídon, deus dos cavalos e do mar, utilizaria para se deslocar sobre a superfície dos oceanos.

Apesar de ser há muito reconhecido pelo público pelo seu aspeto peculiar e características biológicas distintas, a ecologia e a biologia do cavalo-marinho continuam imersas em falhas de conhecimento no que se refere à sua sobrevivência, crescimento, reprodução e movimento. É verdade que são conhecidas algumas curiosidades da sua ecologia, como o facto de ser o macho a dar à luz, fertilizando internamente os óvulos que a fêmea deposita numa bolsa na base da sua cauda. Ou o facto de o macho e a fêmea manterem uma relação monogâmica ao longo do ciclo reprodutor, com comportamentos ritualizados de acasalamento, que se iniciam com a alteração dos padrões de cor em resposta ao estímulo de um dos parceiros, a sincronização da natação e o entrelaçar das caudas nadando em conjunto. Mas faltam dados científicos sobre estas espécies.

Tendo como maior patrocinador uma famosa produtora de chocolates belga cujo símbolo é um cavalo-marinho, o projeto Seahorse foi criado em 1996 com o propósito de aprofundar os conhecimentos sobre estes animais carismáticos e alertar para os problemas que afetam os seus ambientes. A bióloga canadiana Janelle Curtis, um dos mais de quarenta membros Seahorse espalhados por diversas partes do globo, definiu como objetivo da sua investigação responder a uma questão crucial: averiguar o estado da população das duas únicas espécies de cavalos-marinhos existentes no Mediterrâneo e Atlântico – o *Hippocampus hippocampus* e o *Hippocampus guttulatus*. Para ambos, não existem ainda dados suficientes de conservação.